

I

Pedro já esquecera os contos de fadas (sempre interrompidos por um João Pestana fugidio como o Pai Natal), mas não as regras básicas, escrupulosamente seguidas pela Avó Lena — milagres raros a cargo de gente respeitável e com estatuto. A lógica subjacente merecera a sua aprovação quando, anos mais tarde, recordava noites ainda jovens, mãos engelhadas afagando-lhe os cabelos, promessas falsas para bem do seu menino. «Deixas-me dormir contigo?» E ela dizia que sim, jurava que o pusera na cama de manhãzinha, não fossem os pais descobrir a aliança clandestina. Mentia a pedido, melhor..., a ordem dele, as crianças aceitam diferentes verdades — todas as que existem —, só não gostam de as ver impostas.

Pois, os milagres... A Avó Lena intuía há muito que ao divino não convém a banalização. Começando por negá-lo, reprovava ao mistério de Fátima o ritmo anual, as curas numerosas, beatificações demasiado fáceis. Queria Deus um velho doce, não intervencionista, solitário. Era-lhe indispensável a certeza de que existíamos nós — bons, razoáveis, maus e péssimos — e Ele. Sem intermediários. Fossem eles burocratas de alguma hierarquia religiosa ou ex-vizinhos mortos e de

tal modo afundados em boas obras que vogassem a meio caminho entre Céu e Terra. As consequências para as famosas histórias eram evidentes: cavaleiros banhados em suor, donzelas pacientemente bordando, pouca ajuda do Altíssimo e de fadas benfazejas. Não por acaso, o seu provérbio favorito sentenciava que quem quer bolota atrepa.

Uma só exceção — Peter Pan. Sininho, diabito ciumento e revoluteante, seduzindo-a de tal modo que chegava a fazer batota e a atribuir-lhe façanhas da responsabilidade inteira do verde herói, como Eduardo — tinha de ser ele — acabou por descobrir quando viu o filme. Grossa vergonha, pivete de seis anos, protestos enérgicos e sonoros, dedo apontado à tela, «não é assim, a minha Avó não conta assim». Pedro era mais tolerante para com esse tipo de deslizes, desde muito cedo os adultos lhe tinham parecido férteis em atalhos e desvios, gostara das duas versões da história, mas teve de testemunhar no julgamento rabioso que se seguira. Bem tentara a Avó brandir anos e brancas em sua defesa, Eduardo estava imparável, alguém mentia, os risos humilhantes do cinema jogavam a favor da inocência de Walt Disney. Ela acabou por sorrir e render-se aos lagos azuis que a fuzilavam, «tens razão Eduardo, enganei-me, li a história há muito tempo e esta cabeça tarouca não ajuda nada». Pedro observara, crítico, a fúria do irmão esvaziar-se, a vitória convida a espelho bajulador e não ao raciocínio, algo estava errado. Anos depois, na idade em que as férias grandes já se renderam ao mercado do trabalho e mirraram tristemente, na Casa dos Moinhos, ela confessara o descarado favoritismo, um nico de remorso afogueando a face outrora lisa, «imaginem vocês, achava-a parecida comigo quando era nova. Ciumenta...» Assisado o atraso na explicação, Eduardo, sempre rigoroso, poderia ter-lhe pedido para levantar voo e fazer uns truques, mas assim, à beira-rio, eles adultos (ao menos no bilhete de identidade), a confissão foi pacífica e divertida. Aquele avô...

Uma personagem! Boa figura — desses homens adulados pelas mulheres com frases reservadas ao vinho do Porto —, o avô era faiscante. Sorriso fácil, galanteio a propósito, espírito agudo e pouco gasto pelas agruras do trabalho, só vagas idas ao consultório — ou o amor dela? — o separavam de um diagnóstico de preguiçite crónica. Pese embora a frequência de sestas e longas tardes na varanda, manta aconchegada, livro perigosamente ébrio, definia-o como um sonhador, estudioso e meigo, com o mundo real podia ela bem. O pior eram as descidas à terra (nocturnas o mais das vezes), consultas a domicílios onde a Avó adivinhava saúde a rodo. O ciúme era fraterno, compreendia-as perfeitamente, pois não continuava apaixonada pelo maroto, imune a todas as armadilhas de tempos conjugais? Nunca um bocejo, o trejeito enfasiado, porta da rua aberta sem um toque no cabelo, a paixão cedera o estritamente indispensável para não parecer arrogante aos outros. Assim entendidos os desejos à compita, a raiva fazia pouco sentido, o bom senso dizia-lhe que um homem era um homem antes de ser alheio, quem quer bolota... De passagem perdoava-lhe a ele, os machos.... sempre tão acriançados e inseguros. E desse modo, pragmática e não toldada, zelava pelos seus interesses com mestria, simulando achaque passageiro, pretextando uma visita ou de bom grado impedindo o desejo de voar para outras paragens, esgotava-o ali mesmo. Em desespero de causa, amuo. Como Sininho... E contavam-se pelos dedos as vezes em que ele não endossara o caso a um qualquer colega, mais jovem e em princípio de carreira, procedimento que a Avó louvava como exemplo de amor ao próximo enquanto esfregava as mãos por conservar o seu.

As histórias para crianças da Avó e as aventuras para adultos do esposo saltitante povoavam memórias especiais, em certas idades as pessoas crescidas já não parecem onnipotentes, mas ainda se desconhece como são importantes; crescemos de mais em tamanho e isso nos hipnotiza, vogamos entre

a sabedoria da infância e a que chega — às vezes... — com o Outono. A bomba estoirara nessa zona, Eduardo dizia mais tarde que os loucos anos vinte tinham regressado na década de setenta para português ver, sobretudo ele. A tribo reunida em casa dos Avós, almoço dominical, janelas de par em par sobre o jardim, amplo e verde, desperdício com céus de chumbo. «Comprámos ontem uma quintarola perto de Arganil.» Os irmãos tinham continuado o ataque impiedoso à tradicional vitela assada sob o olhar aprovador da Mariana, forte de uma vida ao serviço da família e açoites a duas gerações. Vítima de amor infeliz, casamento aprazado, o patife do amanuense trocara-a pela filha do dono de uma loja de ferragens. Para voltar meses mais tarde com desculpas e promessas, dá-me um tempo. Mariana batera a porta mas não as asas, permanecia fiel. Não ao traste, ao que sentira por ele. Para além dos patrões, culposamente aliviados, fora o Senhor o grande beneficiário da catástrofe amorosa, o quarto dela conheceu uma terrível inflação de santinhos, relíquias, quadros, a Última Ceia que pairava sobre a cama virginal tornou-se baça, mas não dos anos, de inveja perante a concorrência. Solidões...

A Avó Lena compreensiva e solidária, à parte um ou outro remoque no seguimento de pegas domésticas sobre a impotência de tanta santidade para resolver o problema principal, isto é tudo falta de homem. Até que um dia a boa da cozinheira se cansara de responder com um «Deus lhe perdoe, Leninha» triste e de difícil verificação. Exposto o diferendo ao confessor, o dominicano não deixara os seus créditos por mãos alheias, instruíra-a na caridade arrogante, Mariana tinha sido olímpica — «A Leninha não tem culpa, é uma católica que se desconhece, mas Deus é grande e há-de iluminá-la, vou rezar por si». O que não mata, cura. A Avó sobrevivera à raiva que lhe provocara a ideia de um holofote tirânico puxando-a para um Deus que não era o seu, mudou de tácti-

ca, a religião e eventuais relações com os caprichos da carne foram cobertas por um manto de ostensivo silêncio. Só a ironia espreitava de quando em vez, a algum pedido inocente de opinião por parte de Mariana sobre refogados ou temperos retrucava com um encolher de ombros, sei lá, mulher, pergunte ao Frei Bernardo. E iam peguilhando alegremente.

«Mas que raio de ideia foi essa?» O pai não encolhera palavras ou sobrolhos, nuvens de borrasca acumulando-se sobre o leite creme, já perfilado no aparador, pronto para o sacrifício. A voz da mãe, ondulada e cantante — gente do Sul —, «Carlos...». Tarde, ou melhor, inútil. Como sempre, a cólera dele respirava alívio, por que a faziam esperar eternidades por pretextos recém-nascidos? E ela calava-se, mesmo antes do «não me interrompas» sacramental, de boas intenções ficam bocas mudas cheias. Normalmente teria sido a Avó Lena a tomar o comando a partir dali, as discussões entre eles eram difíceis de suster pela diferença de estilos cultivada. A cólera pura e em linha recta de um, opunha-se o fino trato sinuoso do outro, o avô podia ser miseravelmente educado, enredava o filho numa teia de sorrisos condescendentes, palavras conciliadoras, silêncios humildes, a Rússia abrindo-se a Napoleão sem combater. De súbito a violência, mascarada, olhos frios encavalitados em murmúrios doces, não se estará a deixar arrastar pelo prazer da frase?

Transmitidas pela Mariana, observadora insuspeita pela equidade com que distribuía a sua falta de isenção por todos os intervenientes da saga, as crónicas familiares rezavam que resposta alguma tinha o condão de enfurecer mais o «menino Carlos». Pedro podia entender isso, o avô conseguia fazer o interlocutor sentir-se ridículo na pele da sua raiva a despropósito, aquele senhor de cabelos brancos estava em amena cavaqueira — os desacordos não são graves entre gente de bem — e via-se a braços com a falta de compostura do outro. No caso do filho, o avô esmerava-se, produzia um olhar in-